

Atuação de grupos de pesquisa em turismo localizados em instituições públicas de ensino no Nordeste do Brasil: Internacionalização, projetos e perspectivas.

Alice Emanuele de Almeida Barros¹
Darlyne Fontes Virginio²
Mauro Lemuel de Oliveira Alexandre³

Resumo

Sabendo que os pesquisadores brasileiros compõem a base dos grupos de pesquisa certificados pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) do CNPq, o objetivo dessa pesquisa foi identificar as ações de internacionalização e realização de projetos nos grupos de pesquisa em turismo localizados em instituições públicas de ensino no Nordeste do Brasil. Como procedimentos metodológicos, trata-se de um estudo descritivo-exploratório com abordagem qualitativa, sendo o universo composto por 46 grupos de pesquisa em turismo localizados no Nordeste do Brasil. A amostra compreende pesquisadores de 12 grupos de pesquisa em turismo de oito Instituições de Ensino Superior distribuídas em quatro estados nordestinos. A coleta dos dados se desdobrou sob duas perspectivas: a primeira por meio de dados extraídos do sistema do DGP/CNPq que apontam o perfil dos grupos, incluindo, a quantidade de pesquisadores, estudantes, região, titulação e ano de criação do grupo; e a segunda, a partir de um formulário *online* aplicado e respondido pela amostra da pesquisa, o que permitiu identificar as prioridades de temas abordados nas linhas de pesquisa desses grupos e, averiguar ações de internacionalização (parcerias e colaborações de pesquisadores estrangeiros) e a execução de projetos (e os produtos técnicos e/ou científicos por eles gerados). Quanto aos resultados o estado de Sergipe concentra o maior número de grupos de pesquisa em turismo do Nordeste e o tempo de atuação da maioria é de 05 anos, denotando um cenário recente e que ainda está se consolidando, possivelmente, arraigado pelo aumento nos cursos de pós-graduação *Stricto Sensu*. Em se tratando das linhas de pesquisa e suas temáticas prioritárias, os resultados mostram que gestão, marketing, planejamento e políticas públicas são as mais pesquisadas. Já a internacionalização se apresenta de forma tímida, uma vez que, mesmo possuindo pesquisadores estrangeiros em suas composições, essa iniciativa não se consolida como ação capaz de promover resultados significativos para o que se espera dessa dimensão. Por sua vez, mais da metade dos grupos de pesquisa da amostra realizaram, em média, de seis a dez projetos, cada. O que se desdobrou em 33 produtos turísticos de cunho técnico e científico, especialmente, artigos científicos e inventários, nos últimos cinco anos (2017-2021). Como considerações finais, percebe-se que, boa parte opera com uma quantidade ínfima de alunos bolsistas, revelando o pouco investimento em recursos financeiros, considera-se que esse é um dos gargalos para o incentivo a novas possibilidades de atuação e ampliação do conhecimento no turismo. As implicações práticas do estudo adentram numa realidade pouco explorada, que é a operacionalização dos grupos de pesquisa, sendo esses, o alicerce para o fomento e a realização de ações importantes para alavancar a pesquisa em turismo no país.

Palavras chave: Turismo; Grupos de pesquisa; Nordeste; Brasil.

INTRODUÇÃO

O turismo enquanto área de estudo ainda lida com desacordos sobre o seu *status* científico. O turismo é ou não é ciência? Está no caminho para se tornar ciência? Ou nunca alcançará esse patamar? As discussões são válidas e frutíferas. Tópicos essenciais sobre a epistemologia do turismo e seus conceitos fundamentais estão sendo analisados e estudados com mais intensidade na atualidade (Jafari e Ritchie, 1981; Moesch, 2002; Sogayar e Rejowski,

¹ Mestranda em Turismo pelo Programa de Pós-graduação em Turismo da UFRN (PGTUR/UFRN). <http://lattes.cnpq.br/5090351450083326>. E-mail: alice.barros.063@ufrn.edu.br

² Doutoranda em Turismo pelo PGTUR/UFRN. Docente efetiva do IFRN (Campus Canguaretama). <http://lattes.cnpq.br/0941157792282201>. E-mail: darlyne.fontes@ifrn.edu.br

³ Doutor em Engenharia de Produção (COPPE/UFRJ). Professor Associado da UFRN. <http://lattes.cnpq.br/7233203993967359>. E-mail: mauro_alx@yahoo.com.br

2011). Acadêmicos têm se debruçado sobre o tema e colaborado com a produção e pesquisa sobre o turismo, ressaltando a relevância desempenhada pelos grupos de pesquisa, incluindo, suas contribuições e prioridades.

De acordo com Santos, Panosso Netto e Wang (2017), a produção científica brasileira em turismo é recente e está em busca da excelência e elevação de sua qualidade, quando comparada a outras áreas de estudo. As universidades e os grupos de pesquisa assumem um papel importante nesse contexto da produção científica em turismo, já que são responsáveis pela investigação de temáticas relevantes que buscam por soluções aos problemas enfrentados pelo setor, conduzem debates e contribuem para a construção de conhecimentos (Pimentel, Carvalho e Pimentel, 2019).

Por meio de um levantamento realizado no portal do Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), existem em média 160 grupos de pesquisa em turismo no Brasil, abordando diversas linhas de pesquisa (Brasil, 2021). O CNPq é um órgão vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), e é considerado o centro do planejamento estratégico da ciência no Brasil, que visa fomentar a pesquisa científica e tecnológica, fortalecendo o saber e colaborando para o avanço das fronteiras do conhecimento e contribuindo para a valorização da produção científica brasileira e reconhecimento de pesquisadores nacionais pela comunidade científica internacional (Brasil, 2022).

Isto posto, os pesquisadores brasileiros se articulam em Grupos de Pesquisa (GPs) científica e tecnológica, vinculados a universidades e outros centros de ensino superior, instituições de pesquisa científica e institutos tecnológicos. No Nordeste do Brasil, de acordo com o DGP/CNPq (2021), existem 46 grupos de pesquisa certificados, sendo a segunda região do país com o maior volume de GPs em turismo. Além disso, o Nordeste possui cinco cursos de pós-graduação (*stricto sensu*), a saber: quatro de mestrado e um de doutorado (Sucupira, 2022), distribuídos em quatro estados, dito isto, foi a região escolhida como lócus desse estudo.

Nesse contexto, esta pesquisa se propõe a responder a seguinte questão: Como a internacionalização e a execução de projetos se apresentam nos grupos de pesquisa em turismo? Com isso, tem como o objetivo: identificar as ações de internacionalização e realização de projetos nos grupos de pesquisa em turismo localizados em instituições públicas de ensino no Nordeste do Brasil; e os seguintes objetivos específicos: traçar o Perfil dos grupos, incluindo, a quantidade de pesquisadores, localização, titulação e ano de criação; identificar as prioridades de temas abordados em suas linhas de pesquisa; e, averiguar a relevância no que diz respeito a

internacionalização (parcerias e colaborações de pesquisadores estrangeiros) e à execução de projetos (e os produtos técnicos e/ou científicos por eles gerados).

Para tanto, o estudo revela uma discussão pouco levantada acerca da atuação dos grupos de pesquisa em turismo e, sobretudo, premente nas produções acadêmico-científicas, já que o objeto, ora estudado, pode revelar muito do que ocorre acerca das ações de internacionalização, execução de projetos e demais ações que, conseqüentemente, influenciam no avanço do conhecimento gerado nessa área (Oliveira, 2018; Tribe e Liburd, 2016; Stallivieri, 2017, Knight, 2007).

Isto posto, a seção a seguir traz uma breve revisão da literatura sobre epistemologia do turismo e suas nuances; ensino e pesquisa em turismo no Brasil; e internacionalização e gestão de projetos como ações estratégicas. A seção 3 apresenta os procedimentos metodológicos indicando os caminhos percorridos para a realização da pesquisa, da coleta à análise dos dados. A seção 4 apresenta os resultados obtidos, incluindo o perfil, as prioridades de temas e a relevância internacional e da execução de projetos dos GP em turismo investigados nesta pesquisa. Já a seção 5 aborda algumas implicações práticas e teóricas que o presente trabalho abarcou, por fim, na seção 6 tem-se as considerações finais com um apanhado do que foi revelado ao longo do estudo, assim como, suas limitações.

REFERENCIAL TEÓRICO

Epistemologia do turismo e suas nuances

As discussões sobre a teoria do turismo têm ganhado relevância nos debates realizados em eventos científicos e na produção de textos dos estudiosos da área. Embora seja um assunto em discussão, ainda há uma carência de escritos científicos que abordam com profundidade e densidade a teoria e epistemologia do turismo (Coutinho e Melo, 2016). Para Oliveira (2018), as investigações comprovam a vastidão do tema e a problematização sobre a epistemologia do turismo se originam de questões, como: “o que é o turismo?” e “quais as bases de seu conhecimento e como é produzido?”.

A começar pela definição do turismo que não é uma unanimidade, Barretto (2004) apresenta, pelo menos, dezoito definições diferentes para o termo, o que assevera a importância do tema e a necessidade de compreendê-lo. A epistemologia, que estuda a origem e o desenvolvimento do conhecimento e amplia a reflexão para sua validade, é um tema que começou a ser abordado recentemente no contexto do turismo. Isto posto, as discussões sobre epistemologia emergem dos estudiosos e pesquisadores da área, notadamente, vinculados à

Instituições de Ensino Superior (IES), as quais, dão suporte ao desenvolvimento de investigações científicas, tendo como base, os grupos de pesquisa certificados pelo CNPq.

Os acadêmicos estudiosos do turismo tampouco formam um consenso no debate sobre o turismo. Mesmo não havendo ainda uma teoria do/sobre o turismo, amplamente aceita, é preciso reconhecer que as contribuições oriundas destas propostas são relevantes e enriquecem a discussão sobre o campo científico do turismo (Oliveira, 2018). Para alguns estudiosos, considerar o turismo como uma ciência pode ser imprudente, sendo válido identificá-lo como um campo científico em construção. Portanto, para compreender a produção teórica do turismo é necessário compreender como mercado, demanda, oferta, indústria, competitividade e qualidade organizam e ordenam essa atividade.

O turismo quando observado pela ótica do campo científico permite identificar uma fragilidade relativa à sua concepção, já que a ciência do turismo se organizaria, basicamente, através da articulação dos discursos da teoria econômica e da gestão. A enunciação científica do turismo caracteriza-se por se efetuar pelo fato de dizer determinada coisa, em detrimento de outra. É essa espacialidade do discurso que dispõe a luta e a concorrência pelo monopólio da autoridade e competência científicas (Meira e Meira, 2007).

Diante das diferentes propostas, cabe ressaltar o exercício teórico proposto por Moesch (2002) de relacionar os seguintes polos: epistemológico, teórico, morfológico e técnico, por meio da interação dialética, para construir um conhecimento turístico que se baseie na decomposição da realidade turística com a finalidade de descobrir sua constituição, compreendendo o turismo como um processo e não como um produto.

Ensino e Pesquisa em Turismo: Interdisciplinaridade e métodos.

As bases do ensino e da pesquisa em turismo se concentram na graduação e na pós-graduação em turismo no Brasil, que segundo Sogayar e Rejowski (2011) variam conforme a demanda e a necessidade de qualificação de recursos humanos, sobretudo, alinhado ao que determina o mercado, sendo uma realidade das instituições privadas. Em contraponto, nas Universidades públicas o aumento desses cursos é proveniente, também, da necessidade de construir as bases científicas desse campo de estudo.

Os países em desenvolvimento têm uma necessidade ainda maior de programas de educação em turismo, dada sua dependência do turismo como mecanismo para fornecer os fundos necessários para o desenvolvimento econômico geral (Jafari e Ritchie, 1981). Nesse contexto, realizar pesquisas possui relação direta com os cursos de pós-graduação *stricto sensu*, já que os investimentos e conceitos relacionados aos programas de pós requerem uma produção

científica apurada por parte de professores, estudantes e pesquisadores, em geral. Por sua vez, para Rejowski & Mena-Chalco (2019) as áreas de pesquisa emergentes, como o turismo, requerem ponderar características diferentes de áreas como as ciências exatas e biológicas.

Jafari e Ritchie (1981) consideram relevante avistar o turismo não apenas como um movimento de retirar as pessoas de seus ambientes domésticos, mas também incluir que é preciso atender às suas necessidades básicas. Com isso, eles complementam que os programas de educação em turismo devem considerar o homem, os recursos naturais, manufaturados e socioculturais. O sucesso do turismo estaria dependente de questões como a hospitalidade, as condições do meio ambiente e da comunidade anfitriã, do contrário, qualquer currículo de turismo deve reconhecer adequadamente esses aspectos multidimensionais.

Diante disso e, para além da discussão sobre ser ou não ser ciência, torna-se mister incluir a interdisciplinaridade e a complexidade no desenvolvimento de pesquisas acerca do turismo, considerando nesse cenário o contexto local. No Brasil, apesar dos avanços no desenvolvimento das pesquisas no setor turístico e do aumento dos programas de pós-graduação *stricto sensu* nos últimos anos, sabe-se que os caminhos para a sua consolidação são igualmente desafiadores. Isto também reflete o pouco tempo de atuação nos estudos do turismo, reverberando o fato de não possuir um método científico independente ou metodologia própria, já que utiliza um conjunto de várias disciplinas de outras ciências para possibilitar o seu estudo.

Através da mudança de paradigmas e da interdisciplinaridade é possível criar novas formas de compreender o turismo, ampliar o conhecimento e gerar novas possibilidades de interação e desenvolvimento, interligando o contexto analisado com as mais variadas áreas do conhecimento (Oliveira, 2018). De acordo com Barretto e Dos Santos (2005, p. 360) a pesquisa científica consiste em “partir de realidades empíricas, informações sobre determinado assunto, reconstruir este universo empírico através de recursos metodológicos e confrontá-lo com o conhecimento teórico acumulado a respeito deste”. Tribe e Liburd (2016) propõem um sistema de conhecimento do turismo, no qual, identificam muitas oportunidades na representação acadêmica da pesquisa, além de sugerir que a mesma deve ser muito mais criativa, experimental e imaginativa, questionando a pouca pesquisa turística representada usando poesia, drama, pintura, escultura, ópera, dança, vídeo, fotografia, *performance* ou narração de histórias.

Considerando métodos próprios, seja em construção ou validação, assim como perpassando as diversas áreas do conhecimento que culminam com a interdisciplinaridade característica desse campo, a pesquisa em turismo tem muitos desafios a transpor. Todavia, a condição das publicações acadêmico-científicas no turismo também deve ser pauta, haja vista a relação qualidade (impacto) *versus* quantidade (volume) de publicações existentes.

Internacionalização e execução de Projetos como ações estratégicas

Para ocorrer um avanço significativo da pesquisa em turismo, são necessários incentivos para o intercâmbio de ideias e conhecimentos, assim como a exigência de novos fóruns para a troca de experiências e apoio mútuo de esforços. Assim, considera-se que a internacionalização é um dos caminhos para viabilizar o intercâmbio de ideias, pois vai além de um currículo e processo de ensino, mobilidade estudantil e acadêmica, trata-se, ainda, da “entrega transfronteiriça de programas de educação, projetos de desenvolvimento internacional, estudo de línguas estrangeiras, desenvolvimento de pessoal e outros”. (Knight, 2007, p. 209).

A internacionalização é relevante para elevar o patamar das pesquisas, notadamente, na participação em projetos, no intercâmbio promovido por eventos técnico-científicos, nas publicações em parceria com pesquisadores estrangeiros, entre outros. Stallivieri (2017) aponta que os pesquisadores, por meio de parcerias interinstitucionais estrangeiras, são capazes de identificar problemas comuns e, na mesma proporção, as possíveis soluções para estes. Assim, estabelecer uma rede de contatos e troca de experiências traz visibilidade, prestígio e sustentabilidade na busca por saídas viáveis aos problemas enfrentados pela sociedade.

Para Castro e Cabral Neto (2012) existem duas formas de internacionalização, a ativa e a passiva. A internacionalização de forma ativa, ocorre quando os países mantêm políticas de Estado voltadas para atração e acolhimento de estudantes, já na internacionalização passiva, não há uma política de elevados critérios para o exterior, porém, abrangem uma grande capacidade de acolhimento e ofertas de prestações de serviços no ramo estudantil. Knight (2007), afirma que é no nível institucional que ocorre o verdadeiro processo de internacionalização, por isso, o interesse das instituições seria o primeiro passo nessa direção.

Isto posto, os grupos de pesquisa em turismo no Brasil, certificados pelo DGP/CNPq, podem ser ambientes propícios a troca de informações e derivadas transformações. Contudo, a existência do grupo por si não gera resultados, mas a consistência e constância do seu trabalho ao longo dos anos, configurando ao GP relevância acadêmica e científica. Para isso, são necessários investimentos que possam garantir recursos (econômicos, financeiros e humanos), por parte dos órgãos destinados ao incentivo à pesquisa no País, que viabilizem a construção e o fortalecimento de ações, a exemplo das parcerias interinstitucionais e internacionais.

Ao se debruçar sobre a pesquisa científica no contexto do turismo, um estudo realizado por Pimentel, Carvalho e Pimentel (2019) revela o processo de institucionalização dessas estruturas formais de investigação no Brasil. Assim, utilizando dados extraídos do DGP/CNPq,

os autores conseguiram identificar desde o surgimento, a expansão, a consolidação e a sedimentação do campo de ensino e pesquisa do turismo.

Quanto à criação e expansão dos grupos de pesquisa em âmbito nacional foi observado que, até a década de 2000 o turismo predominava como uma linha de pesquisa nos grupos existentes. Especificamente, o primeiro grupo de pesquisa especializado no tema do turismo no Brasil foi registrado em 1993, o segundo em 1995 e o terceiro em 1997. A partir de 2000 começa uma expansão destas entidades, de modo que a partir de 2006 houve a propagação contínua de grupos de pesquisa especializados no tema do turismo. Nos seguintes 5 anos, 83 grupos são formados. Nos primeiros seis anos da década de 2010, outros 122 grupos surgiram (Pimentel, Carvalho e Pimentel, 2019, p. 26).

Assim, ao contribuir com o arcabouço teórico acerca da formalização de grupos formais de investigação científica no País, os autores traçam uma linha do tempo em que é possível compreender a construção de todo esse processo, bem como sobre os fatores intervenientes que podem ter afetado e ditado os rumos desse movimento. Com isso, 3 etapas foram identificadas, sendo: a primeira fase entre 1964-2001 que se refere a criação dos cursos superiores de turismo; a segunda fase entre 2002-2009 em que o tema do turismo passou a se propagar por meio da criação de grupos específicos de pesquisa; a terceira fase de 2010 até os dias atuais em que é possível identificar os egressos dos cursos superiores de turismo já com formação em nível de pós-graduação *stricto sensu* assumindo papéis de professores e/ou pesquisadores.

Portanto, torna-se relevante contribuir com a organização e a consolidação dos GP em turismo no estímulo a ações planejadas, contínuas e sustentáveis, a exemplo da execução de projetos, podendo se constituir como mecanismo de eficiência estratégica. Assim, realizar projetos compreende a conotação de um processo que envolve atividades de planejamento, de acompanhamento e de avaliação propriamente dita (Chiavenato, 1999; Oliveira, 2013; Fontes Filho, 2006). Nessa perspectiva, Brandão e Guimarães (2001) informam que dimensionar se a gestão de um projeto possui bom desempenho requer analisar todo um contexto organizacional (da elaboração à avaliação), incluindo, a atuação de quem os coordena.

Isto posto, Corrêa (2019) propõe uma análise crítica acerca da internacionalização e de sua mercantilização na educação ao fazer um apanhado sobre sua experiência com projetos em uma perspectiva humanista. Em sua proposição, a importância da internacionalização emerge da experiência propriamente dita e não somente do saber fazer de um pesquisador, isto é, a prática da pesquisa, a execução de um projeto, são fatores que tornam o pesquisador “mais ciente e preparado para resolver as diversas situações e contingências, fornecendo-lhe habilidade para lidar com o inusitado. Além disso, é a experiência que viabiliza a abordagem analítica a partir de dentro do processo de colaboração internacional” (Corrêa, 2019, p. 66).

Outrossim, realizar projetos de pesquisa nas IES pode gerar resultados relevantes para o setor turístico, impulsionando, para além das descobertas teórico-epistemológicas, inovações, propostas e, desse modo, contribuindo com a melhoria e o desenvolvimento local.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo em tela se caracteriza como descritivo-exploratório com abordagem qualitativa. A pesquisa com objetivo descritivo, de acordo com Cervo e Bervian (2002, p. 66) “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem alterar os resultados”. No quadro 01, tem-se uma síntese da metodologia adotada.

Quadro 01 - Síntese dos objetivos, métodos e resultados da pesquisa.

Objetivo Geral: Identificar as ações de internacionalização e realização de projetos nos grupos de pesquisa em turismo localizados em instituições públicas de ensino no Nordeste do Brasil				
Objetivo específico	Categorias de Análise	Coleta dos Dados	Análise dos Dados	Resultados
Traçar o perfil dos grupos de pesquisa em turismo	• Quantidade de grupos e de pesquisadores; • Estado com maior incidência dos grupos de pesquisa em turismo; • Ano de criação desses grupos.	Dados secundários: Retirados do DGP/CNPq, em uma planilha, totalizando 46 grupos de pesquisa em turismo.	Técnica de estatística descritiva	Delimitação do perfil dos grupos de pesquisa em turismo localizados em instituições públicas de ensino no Nordeste do Brasil, certificados pelo DGP/CNPq e em atividade.
Identificar as prioridades de temas desses grupos	• Temáticas abordadas com maior frequência nas linhas de pesquisa desses grupos; • Abordagens prioritárias dos grupos de pesquisa investigados.	Dados primários: 12 coletas por meio de formulário <i>online</i> com 15 questões objetivas e subjetivas, aplicado em dezembro de 2021, abrangendo grupos de 05 estados da região Nordeste.	Técnica de análise de conteúdo	Levantamento das linhas de pesquisas e apontamentos sobre sua natureza, recursos, incidência e demais características e particularidades.
Averiguar a relevância no que diz respeito à internacionalização e à execução de projetos.	• Parcerias e colaborações de pesquisadores estrangeiros; • Principais instituições de ensino estrangeiras envolvidas com a pesquisa desses grupos; • Projetos e principais produtos gerados.			Identificar e analisar as ações de estímulo à internacionalização e execução de projetos nos grupos de pesquisa em turismo.

Fonte: Elaboração própria (2022)

No que se refere à população do estudo, têm-se os grupos de pesquisa cadastrados no DGP/CNPq com abordagem voltada ao turismo. Assim, a amostra se configurou por grupos de pesquisa em turismo localizados em instituições públicas de ensino no Nordeste do Brasil.

Quanto à amostra, a pesquisa obteve 12 respondentes oriundos de grupos de pesquisa de IES de 05 estados do Nordeste, a saber: Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. Quanto ao papel do pesquisador no grupo de pesquisa, os respondentes são: líderes de grupos, vice-líderes e pesquisadores. Para garantir maior confiabilidade na coleta, a pesquisa foi enviada, exclusivamente, para grupos de professores de turismo e estudantes de pós-graduação localizados na região Nordeste e que os autores tinham contato.

Isto posto, a coleta de dados procedeu sob duas perspectivas, sendo:

- A primeira, por meio de dados secundários, gerados em uma busca direta no sistema do DGP/CNPq, contando com uma relação dos 46 grupos certificados e localizados na região Nordeste do Brasil, e os dados extraídos se referem a:
 - quantidade de grupos de pesquisa em turismo na região Nordeste do Brasil; Divisão por grande área do conhecimento e concentração predominante; quantidade de pesquisadores por grupo, separando estudantes, pesquisadores nacionais e pesquisadores estrangeiros.
- A segunda, por meio de pesquisa com um formulário online aplicado aos participantes desses grupos no mês de dezembro de 2021, tendo sido respondido por 12 pesquisadores:
 - os 12 pesquisadores (sendo: 43% líder ou vice-líder e 57% pesquisadores) que participaram da pesquisa estão ligados a grupos de pesquisa em turismo vinculados à diversas instituições públicas de ensino⁴ do Nordeste do Brasil;
 - o formulário continha 15 questões objetivas e subjetivas que versavam, sobre: linhas de pesquisa, pesquisadores, organização, internacionalização, projetos e perspectivas de atuação, dentre outros;
 - ressalta-se, que para elencar as temáticas prioritárias dos grupos de pesquisa, considerou-se como critério: a frequência dos nomes das linhas de pesquisa (e suas palavras-chave) existentes nos grupos de pesquisa certificados pelo DGP/CNPq, incluindo o filtro: área do conhecimento (Grande área: Ciências Sociais Aplicadas e Área: Turismo);

⁴ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS) e Universidade Federal de Sergipe (UFS).

- vale salientar, ainda, que a aplicação do formulário online foi realizada sob o resguardo de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em que os respondentes concordavam ou não em participar, além de: justificativa, objetivos, metodologia, riscos e danos da pesquisa, autonomia e liberdade do sujeito da pesquisa, sigilo e privacidade, bem como acesso aos resultados da pesquisa. Ademais, conforme orienta o parágrafo único do artigo primeiro (incisos I e III) da Resolução Nº 510/2016-CNS/MS (Brasil, 2016) a presente pesquisa não precisou ser registrada nem avaliada pelo sistema CEP/CONEP.

Quanto à análise dos dados obtidos a partir da planilha gerada pelo sistema do DGP/CNPq, foi realizada por meio da técnica de estatística descritiva e estão disponíveis na primeira seção do capítulo Resultados e Discussões deste estudo. Já para os dados coletados por meio do formulário, foram interpretados com a técnica de análise de conteúdo segundo Bardin (2004), organizados da seguinte forma: a) pré-análise: organização e sistematização das ideias; b) exploração do material: análise e tratamento dos dados; e, c) interpretação. Os resultados e a análise desses dados encontram-se nas seções 2 e 3 do capítulo Resultados e Discussões.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

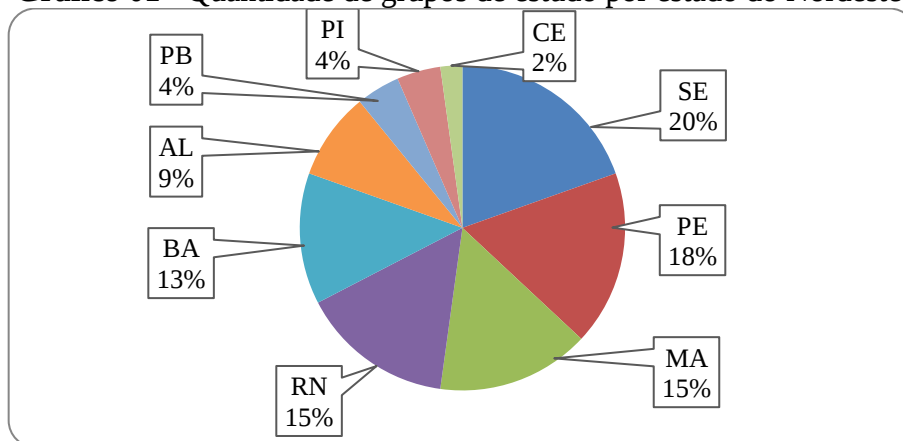
Perfil dos grupos de pesquisa em turismo localizados em instituições públicas de ensino no Nordeste do Brasil

De acordo com os dados obtidos, os grupos de pesquisa, estão presentes em todos os estados da região Nordeste, a maior quantidade está em Sergipe (20%), Pernambuco (18%), Rio Grande do Norte (15%) e Maranhão (15%), respectivamente. Já o Ceará possui apenas 2%, conforme aponta o gráfico 01.

Outrossim, se nas Universidades públicas o aumento de cursos de turismo é proveniente, também, da necessidade de construir as bases científicas desse campo de estudo, conforme Sogayar e Rejowski (2011) apontam, ao considerar a oferta de pós-graduação (*Stricto Sensu*) nos estados do Nordeste do Brasil⁵ em que a pesquisa foi realizada, é possível correlacionar e corroborar Jafari e Ritchie (1981) quando informam que há maior preocupação dos países em desenvolvimento com programas de educação em turismo, pois reconhecem sua dependência desse setor para o desenvolvimento econômico geral.

⁵ 04 cursos de mestrado (IFS, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, UFRN e Universidade Estadual do Ceará – UECE) e 01 de doutorado (UFRN). Fonte: Sucupira (2022).

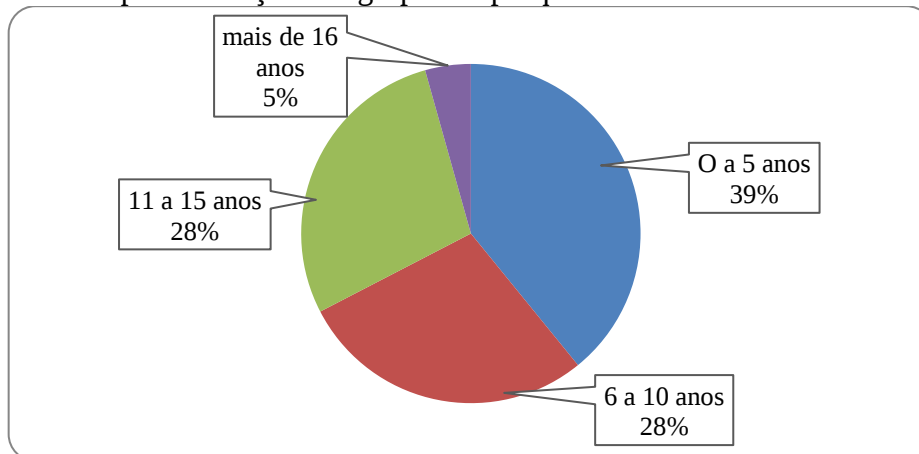
Gráfico 01 - Quantidade de grupos de estudo por estado do Nordeste.



Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

Além disso, 88% desses grupos estão vinculados aos cursos da grande área de Ciências Sociais Aplicadas e outros 11% presentes nos cursos das Ciências Humanas. Acerca do tempo de atuação, nota-se que os grupos, em sua maioria (39%) iniciaram suas atividades entre 0 e 5 anos, mostrando um crescimento significativo nos últimos anos, e apenas 5% possuem mais de 16 anos de atuação, conforme mostra o gráfico 02.

Gráfico 02 - Tempo de atuação dos grupos de pesquisa em turismo no Nordeste do Brasil.



Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

Os grupos de pesquisa em turismo do Nordeste possuem, em sua maioria (37%), entre 16 e 30 integrantes, e apenas 8,7% possuem mais de 46 integrantes. De acordo com a pesquisa, os integrantes dos grupos estão divididos entre estudantes (em iniciação científica, mestrado e doutorado) e pesquisadores, que são estagiários em nível de pós-doutoramento, podendo ainda contar com colaboradores internacionais. Os grupos de pesquisa em turismo nordestinos, possuem em sua maioria, entre 01 e 15 estudantes (82,61%) e pesquisadores (63,04%), isso se

deve ao fato de que é possível participar de mais de 01 grupo de pesquisa ao mesmo tempo. No quadro 02 é possível observar os percentuais.

Quadro 02 - Quantidade de estudantes e pesquisadores

QUANTIDADE	ESTUDANTES		PESQUISADORES	
1 a 15	38	82,61%	29	63,04%
16 a 30	5	10,87%	16	34,78%
31 a 45	2	4,35%	0	0,00%
Mais de 46	1	2,17%	1	2,17%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

Sobre a participação de colaboradores estrangeiros, apenas 07 grupos possuem entre 01 e 04 integrantes estrangeiros, representando 15,22% dos grupos de pesquisa investigados. Os países de origem desses integrantes, são: Espanha, Colômbia, Portugal, Chile e Equador. Observa-se que esse dado pode ter relação com o que Castro e Cabral Neto (2012) denominam de internacionalização passiva, em que os países não possuem uma política de elevados critérios para o exterior, porém, abrangem ofertas de prestações de serviços no ramo estudantil. Knight (2007) reforça que a parceria entre as IES de cada país são um passo importante para formalizar essas parcerias, abrangendo o início de todo um processo rumo à internacionalização.

Sob outro enfoque, no Nordeste do Brasil, os grupos formais de investigação científica em turismo são 46⁶, sendo que mais de 50% tem de 06 a 15 anos de existência, o que comprova a evolução recente dos estudos na área, dado que vai ao encontro do estudo realizado por Pimentel, Carvalho e Pimentel (2019), revelando que o período de 2010 até os dias atuais corresponde a terceira fase de evolução dos grupos de pesquisa em turismo no Brasil, uma vez que é possível identificar os egressos dos cursos superiores de turismo atuando como docentes e/ou pesquisadores em instituições de ensino.

Para além disso, mais de 70% desses grupos possui até 30 integrantes, isto é, se considerar a rotatividade dos estudantes e sua participação não continuada ao finalizarem seus cursos de graduação e/ou pós-graduação, pode-se considerar um número bem reduzido de pesquisadores que, de fato, se dedicam à pesquisa na área por um período de tempo razoável para maturação de estudos científicos mais robustos.

Para concluir, o perfil brevemente relatado, há uma predominância de países de língua portuguesa e espanhola nas parcerias internacionais com esses grupos. Isto posto, acredita-se

⁶ Possuindo o segundo maior número de grupos de pesquisa em turismo de todo o país, perdendo apenas para a Região Sudeste que concentra 54 grupos, ao todo.

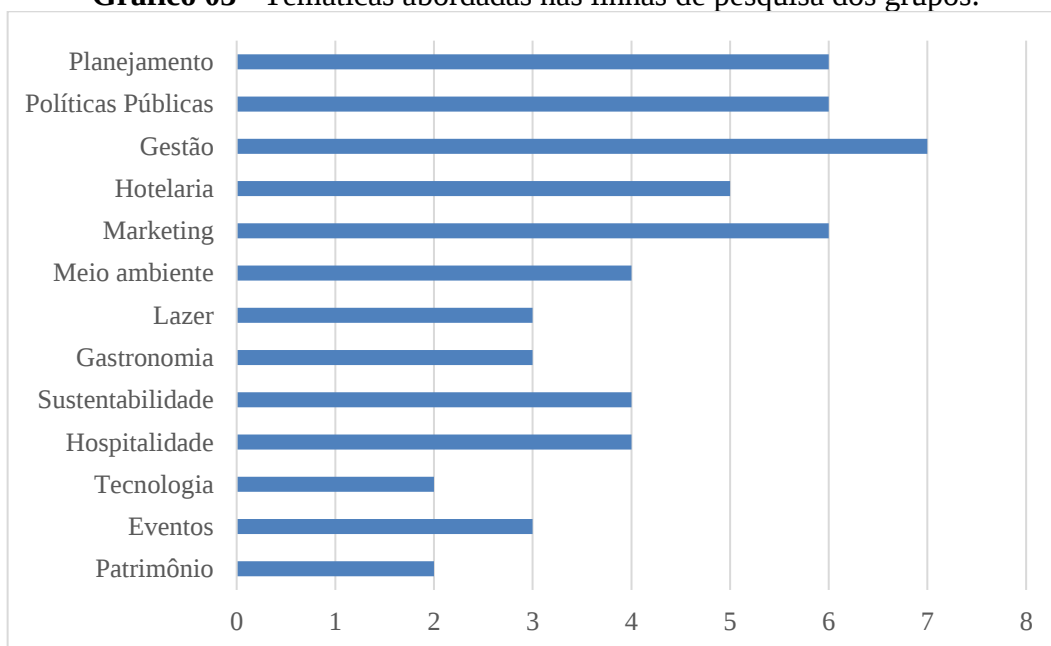
que uma expansão para países de língua inglesa ou com maior *expertise* nos estudos turísticos poderia agregar novos olhares e, por conseguinte, troca de ideias, conhecimentos e experiências.

Grupos de pesquisa em Turismo: Linhas e temáticas prioritárias.

As linhas de pesquisa definem os interesses de investigação científica dos pesquisadores dentro dos grupos de pesquisa. Isto reflete, concomitantemente, nos resultados que as pesquisas trarão, uma vez que os esforços estão concentrados em determinados assuntos. Nos estudos do turismo, dada a interdisciplinaridade desse campo de pesquisa, os assuntos investigados são os mais diversos e perpassam áreas distintas também. (Jafari & Ritchie, 1981; Moesch, 2002; Tribe & Liburd, 2016).

Assim, para fins desta pesquisa, buscou-se compreender em quais temáticas, as linhas de pesquisas que os pesquisadores atuavam, estavam vinculadas. Foram dadas as seguintes opções de respostas⁷: gestão, hotelaria, marketing, planejamento, meio ambiente, políticas públicas, sustentabilidade, eventos, gastronomia, patrimônio, tecnologia, lazer, hospitalidade e a opção “outros” com a possibilidade de acrescentar algum assunto que não havia sido incluído nas opções anteriores. Considerando que era possível marcar mais de uma opção de resposta, todos os respondentes marcaram, no mínimo, duas temáticas nas linhas de pesquisa do grupo, conforme gráfico 03.

Gráfico 03 - Temáticas abordadas nas linhas de pesquisa dos grupos.



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

⁷ As opções dadas foram elencadas pelo critério da frequência dos nomes das linhas de pesquisa (e suas palavras-chave) dos grupos de pesquisa certificados pelo DGP/CNPq.

Oliveira (2018) afirma que, dada a interdisciplinaridade do turismo, já que não possui um método científico independente ou metodologia própria, criar novas formas de compreender o turismo, interligando o contexto analisado com as mais variadas áreas do conhecimento é compreensível. Isso reflete a presença de temáticas como gestão e marketing, oriundas da administração, nas pesquisas dos grupos de turismo.

Ao mesmo tempo, planejamento, políticas públicas e hotelaria permeiam o campo mais profícuo da atividade turística, conforme também apontam em seus estudos Pimentel, Carvalho e Pimentel (2019). Os resultados ainda apresentaram outros temas aleatórios, como: Desenvolvimento, Educação, Epistemologia, Turismo de Base Comunitária, Turismo Criativo, Turismo Cinematográfico e *Dark Tourism*, revelando o que propuseram Tribe e Liburd (2016) acerca de novos olhares e abordagens para as pesquisas em turismo, devendo ser muito mais criativas, experimentais e imaginativas.

Outro ponto abordado na pesquisa diz respeito à quantidade de linhas de pesquisa existentes no grupo e 67% responderam ter entre 01 e 06 linhas. Os 33% restantes afirmaram ter entre 07 e mais de 10 linhas de pesquisa, isso pode indicar que se tratam de grupos com um número maior de pesquisadores e de temáticas abordadas. Nessa perspectiva, a pesquisa mostra que 60% dos grupos possuem entre 06 e 10 pesquisadores atuantes, ao passo que 33% dos grupos compreendem de 11 a 15 pesquisadores e 7% afirmaram ter entre 16 e 20.

Todos os grupos possuem estudantes cadastrados, contudo, a quantidade de bolsistas é pequena, considerando que 7% possuem de 06 a 10 bolsistas, 50% possuem de 01 a 05 alunos bolsistas vinculados e, em contrapartida, 43% afirmou não possuir nenhum aluno com bolsa de pesquisa vinculado ao seu grupo. Esse cenário é representativo da situação que os órgãos de apoio à pesquisa científica no País vêm passando nos últimos anos, com cortes de bolsas e de financiamento de projetos em todas as áreas do conhecimento, apenas para citar alguns.

Grupos de Pesquisa em Turismo: Relevância quanto a internacionalização e projetos.

De acordo com os dados levantados na pesquisa, os grupos foram criados, em média, 01 por ano, desde o ano de 2010 a 2021 sendo os anos de 2013, 2014 e 2017 com mais de 01 grupo criado, dentre os respondentes. O que revela serem relativamente recentes para um cenário em que a pesquisa científica requer tempo para se consolidar.

No que se refere à internacionalização da pesquisa, 25% dos respondentes afirmaram ter parcerias com instituições de outros países, quais sejam: Universidade do Algarve (Portugal), Instituição não especificada (Moçambique) e Universidade de Málaga (Espanha).

Apesar dos 75% que afirmaram não possuir parcerias implementadas com pesquisadores de Instituições internacionais, percebe-se que esse é um movimento que vem ganhando notoriedade dada a sua relevância para o avanço das pesquisas científicas (Stallivieri, 2017), em especial, na área do turismo.

O quadro 03 apresenta os dados sobre as perspectivas de atuação dos grupos para o ano de 2022, revelando que a internacionalização, de fato, não está diretamente mencionada nos planos e prioridades de 93% dos grupos. O que revela ser preocupante, já que esse tema é condição para que instituições de ensino avancem não somente do ponto de vista acadêmico, mas em pesquisa, gestão e extensão. (Knight, 2007; Stallivieri, 2017).

Quadro 03 - Perspectivas de atuação dos grupos para o ano de 2022.

Quanto à Internacionalização	Quanto aos Projetos	Outras ações
Firmar acordo de cooperação com instituições de ensino Moçambicanas	Participar de eventos nacionais	Conseguir recursos financeiros para realização de atividades de campo
	Publicar artigos científicos	Reavaliar e atualizar os pesquisadores
	Elaborar diagnósticos e inventários turísticos	Articular o grupo com novas estratégias de produção acadêmica e científica
		Ampliar pesquisas
		Potencializar a relevância do grupo
		Criar Observatório de Inovação e Turismo Criativo
		Expandir as linhas de pesquisas, os pesquisadores e fortalecimento de projetos locais.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Os resultados vão ao encontro do que os pesquisadores informaram sobre as parcerias com instituições estrangeiras, em que apenas 25% realiza alguma ação nesse sentido. A grande maioria das respostas do quadro 04 aponta para ações de estruturação dos grupos, em gestão e redirecionamento de ações de cunho organizacional, relevantes e merecem ser contínuas. Porém, para alavancar o nível das pesquisas com maior qualidade e rapidez é importante pensar e estruturar ações com instituições diversas e, por conseguinte, firmar parcerias internacionais.

Destarte, ao questionados sobre a quantidade de projetos, em média, que foram realizados (e concluídos) nos últimos cinco anos (2017-2021) pelos grupos de pesquisa, os resultados mostraram que 50% realizou de 06 a 10 projetos de pesquisa que geraram, entre outras coisas, os seguintes produtos (conforme quadro 04).

Quadro 04 - Produtos técnicos e científicos gerados pelos projetos.

Produto	Técnico	Científico	Quantidade
Artigos científicos		X	08
Eventos	X	X	06

Inventários	X		03
Livros e/ou capítulos de livros		X	08
Metodologias inovadoras	X	X	02
Relatórios Técnicos	X		02
Roteiros	X		04
Total			33

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Corroborando Brandão e Guimarães (2001) é relevante comparar os resultados alcançados com os esperados (planejados), assim, as 33 produções técnico-científicas oriundas dos projetos de pesquisa implementados pelos 12 grupos respondentes, indicam a diversidade de objetos investigados e ações decorrentes dos mesmos, o que contribui para a geração de resultados e, possivelmente, de impactos positivos em destinos e produtos turísticos.

Com isso, a relevância de tais projetos, é revelada nos produtos que desenvolve e repercute diretamente nas comunidades anfitriãs, nos destinos consolidados, nos lugares com potencial turístico, nos empreendimentos e demais equipamentos e serviços oferecidos, além da qualidade do que é ofertado ao turista, apenas para citar alguns. Ou seja, o que se produz técnica e cientificamente no turismo perpassa os muros das Instituições de Ensino e alcança os mais diversos públicos e propósitos, este resultado se relaciona ao que propõe Corrêa (2019) em seu estudo sobre a experiência propriamente dita e não somente do saber fazer de um pesquisador, reforçando que é a prática da pesquisa, notadamente a execução de um projeto, que transforma o pesquisador em um sujeito melhor preparado para resolver as diversas situações e acontecimentos.

Ainda que os resultados desse estudo sejam iniciais e requeiram maior aprofundamento, o cenário revelado e acrescido às dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores brasileiros quanto à escassez de recursos, horas exaustivas de jornada de trabalho em sala de aula, poucos incentivos para atuar com pesquisa (básica ou aplicada) no setor turístico, possivelmente, pode fragilizar a diversidade e o impacto de determinadas publicações no campo do turismo como revelado pelos grupos de pesquisa. Isso mostra, entre outras coisas, que se o papel do CNPq é contribuir para a valorização da produção científica brasileira permeando um reconhecimento dos pesquisadores nacionais (Brasil, 2022), existe um longo caminho para que esse papel alcance, ao menos nas pesquisas em turismo, tais resultados.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E/OU TEÓRICAS

No que se refere às implicações práticas deste trabalho, acredita-se que os assuntos tratados poderão servir de apoio para novos olhares sobre a relevância dos grupos de pesquisa em turismo e seus esforços para a evolução do conhecimento científico, assim como, para o

fomento de ações que coadunem com a internacionalização e a realização de projetos aplicados à realidade dos destinos e das necessidades turísticas locais. Ademais, as inquietações que levaram ao estabelecimento dos objetivos desse estudo podem ser aplicadas em outras regiões do país, permitindo que o estudo seja replicado percorrendo os caminhos metodológicos e as abordagens aqui levantadas.

As implicações teóricas do estudo adentram numa realidade pouco explorada, isto é, acerca da operacionalização, articulação e desdobramentos das ações implementadas pelos grupos de pesquisa em turismo no Brasil. Sabendo que o alicerce para o fomento e a realização de ações importantes para alavancar a pesquisa em turismo abarca os grupos de pesquisa, torna-se premente relatar as condições e escassez dos recursos nesses espaços.

Além da escassez do assunto na literatura, já que não foram encontrados muitos estudos relacionados ao tema, acredita-se que este trabalho é de grande valia para consulta e troca de conhecimentos para a comunidade acadêmica, assim como, a quem se interessar no aprofundamento sobre o tema e seus desafios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar discussões iniciais acerca da pesquisa em turismo, abordando o dilema de ser considerado ou não uma ciência, a epistemologia, a interdisciplinaridade, métodos, internacionalização e formação de grupos de investigação científica em turismo, o presente estudo revela uma lacuna na literatura sobre turismo. Por isso, ao caracterizar os grupos de pesquisa em turismo localizados em instituições públicas de ensino do Nordeste do Brasil, traçando um perfil desses grupos, foi possível identificar linhas de pesquisa e temáticas prioritárias, averiguar a relevância quanto a internacionalização e à execução de projetos.

Tendo alcançado os objetivos propostos nessa pesquisa, pode-se inferir que dentre os 46 grupos de pesquisa em turismo situados no Nordeste brasileiro, a maior parte, criado há menos de 15 anos, possui até 30 participantes e, destes, somente 15% contam com colaboradores estrangeiros. O perfil dos grupos de pesquisa em turismo investigados expressa a interdisciplinaridade dessa área de estudo. O tempo de existência dos grupos coincide com o período de expansão dos cursos de pós-graduação (*Stricto Sensu*) em turismo, ressaltando a importância dos grupos de pesquisa para o ensino. Tais dados apontam para um processo de amadurecimento que requer tempo e resultados sólidos, assim, os grupos estão organizados e atuantes, revelando foco prioritário nas pesquisas relacionadas à gestão e marketing.

Ainda nessa perspectiva, as temáticas abordadas pelos grupos de pesquisa vão desde o planejamento, e das políticas públicas à hotelaria, permeando o campo mais profícuo da

atividade turística. Isto se deve ao trabalho de pesquisadores atuantes em mais de 60% dos grupos, contrastando com a baixa quantidade de bolsistas, já que 43% dos grupos não possuem nenhum bolsista vinculado. Denunciando a realidade do pouco investimento em recursos financeiros que esses grupos enfrentam no dia a dia.

Sobre a quantidade de projetos realizados, nota-se que mais da metade realizou de 06 a 10 projetos nos últimos cinco anos (2017-2021) e que, fruto desse trabalho, mais de 33 produtos técnicos e/ou científicos, além da participação de pesquisadores de outros países, foram realizados. Os pesquisadores dos grupos localizados no Nordeste trouxeram dados científicos e produtos técnicos (como diagnósticos, catálogos, inventários) relevantes capazes de impactar positivamente destinos, produtos e empresas do setor.

Para pesquisas futuras, sugere-se a expansão da pesquisa para o nível nacional e um aprofundamento sobre as áreas de estudo que reforcem o caráter interdisciplinar do turismo. Por conseguinte, avaliar os desafios, oportunidades e impactos gerados pelos GP em turismo pode ser outro caminho a percorrer, denotando a importância dos mesmos, além da necessidade de mais investimentos para que evoluam na construção do saber e do fazer turístico.

Como limitações do estudo, apresenta-se a dificuldade na obtenção de mais respondentes para composição de uma amostra maior, uma vez que o formulário ficou disponível por três semanas e, mesmo tendo um tempo estimado de sete minutos para resposta, não se obteve um retorno esperado em quantidade. Contudo, o período de sua realização (dezembro de 2021) e o formato remoto coincidiram com períodos críticos, incluindo, a pandemia do novo Coronavírus. Ademais, a pesquisa inicial tencionava envolver grupos de pesquisa de todas as regiões do Brasil, portanto, havendo um retorno majoritário somente dos pesquisadores do Nordeste (80%), o estudo foi redimensionado.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições, 2004.

BARRETTO, M. **Discutindo o ensino universitário de turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

BARRETTO, M., & DOS SANTOS, R. J. **Fazer Científico em Turismo no Brasil e seu reflexo nas publicações**. Turismo - Visão e Ação, v. 7, n. 2, p. 357-364, 2005.

BRANDÃO, Hugo Pena; GUIMARÃES, Tomás de Aquino. **Gestão de competências e gestão de desempenho**: Tecnologias distintas ou instrumentos de um mesmo construto? Revista Administração de Empresas, v. 41, n. 1, p. 8-15, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 510**, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Brasília, 2016.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Apresentação**. Disponível em <<https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/institucional>> Acesso em 13 out. 2022.

_____. **Plataforma Sucupira – Cursos avaliados e reconhecidos**. Disponível em <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoIes.jsf?areaAvaliacao=27&areaConhecimento=61300004>> Acesso em 15 out. 2022.

_____. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – Consulta parametrizada**. Disponível em <http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf> Acesso em 22 dez. 2021.

CASTRO, Alda Araújo; CABRAL NETO, Antônio. **O ensino superior: A mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina**. Revista Lusófona de Educação. v. 21, p. 69-96, 2012.

CERVO, A. L.; & BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria Geral da Administração**. 5. ed. São Paulo: Campus, 1999.

CORRÊA, Antenor Ferreira. **Internacionalização, humanismo e ética**. Revista Orfeu. v. 4, n. 2, p. 61-78, 2019.

COUTINHO, A. C. A.; & MELO, M. A. W. S. **Análise das influências e contribuições de John Tribe para a teoria do turismo**. Revista de Turismo Contemporâneo, v. 4, 2016.

FONTES FILHO, Joaquim Rubens. **Planejamento estratégico da pequena e média empresa: Aplicações no setor turístico**. Rio de Janeiro: Publit soluções editoriais, 2006.

JAFARI, J., & RITCHIE, J. R. B. **Toward a framework for tourism education: Problems and prospects**. Annals of tourism research. Great Britain: Pergamon, v. 8, n. 1, p. 13-34, 1981.

KNIGHT, Jane. **Internationalization: Concepts, complexities and challenges**. In: Forest, James J. F., Altbach, Philip G. (eds). International handbook of higher education, v. 18 Dordrecht: Springer, 2007.

MEIRA, F. B., & MEIRA, M. B. V. **Considerações sobre um campo científico em formação: Bourdieu e a "nova ciência" do turismo**. Cadernos EBAPE. BR, v. 5, p. 01-18, 2007.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento estratégico: Conceitos, metodologia e práticas**. 31. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

OLIVEIRA, L. F. M. **Entre abstrações ou práticas:** Onde se insere a teoria do/sobre o turismo? Revista Ateliê do Turismo, v. 2, n. 2, 2018.

PANOSSO NETTO, A., & NECHAR, M. C. **Turismo:** perspectiva crítica (textos reunidos). Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016.

PIMENTEL, T. D.; CARVALHO, F. C. C.; PIMENTEL, M. P. C. **O Processo de Institucionalização das Estruturas Formais de Investigação em Turismo (EFIT) no Brasil.** Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 16-35, 2019.

REJOWSKI, M., & MENA-CHALCO, J. P. **Mapeo de la producción académica de jóvenes doctores con tesis sobre turismo en Brasil.** Estudios y perspectivas en turismo, v. 28, p. 38-60, 2019.

SANTOS, G. E. D. O., PANOSSO, A., & WANG, X. **Análise de citações de periódicos científicos de turismo no Brasil:** subsídios para a estimação de indicadores de impacto. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 11, p. 61-88, 2017.

SOGAYAR, R. L., & REJOWSKI, M. **Ensino Superior em turismo em busca de novos paradigmas educacionais:** Problemas, desafios e forças de pressão. Revista Turismo e Ação, v. 13, n. 3, p. 282-298, 2011.

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalização e intercâmbio:** Dimensões e perspectivas. Curitiba: Appris, 2017.

TRIBE, J., & LIBURD, J. J. **The Tourism Knowledge System.** Annals of Tourism Research, v. 57, p. 44-61, 2016.